

A Estela da Idade do Bronze dos Negrões – isolada na multidão

The Bronze Age Stela of Negrões – isolated in the crowd

*”Vejo a multidão fechando todos os meus caminhos, mas a realidade
é que sou eu o incômodo no caminho da multidão.”*

Buarque, Chico (1991) Estorvo – Companhia das Letras, 1991. Estorvo

Dedicado a Vanessa Pedrais, a menina que partiu com a chegada desta...

RUI MATALOTO
Município de Redondo
Praça da República, 7170-011
Redondo, Portugal
rmataloto@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0009-9849-9279>

PABLO PANIEGO DÍAZ
Universidad Autónoma de Madrid
Facultad de Filosofía y Letras
Departamento de Prehistoria y Arqueología
Campus de Cantoblanco - 28049 Madrid
pablo.paniego@uam.es
<https://orcid.org/0000-0002-6218-0938>

HUGO MORAIS
Arqueólogo
hugomirandamorais@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-8646-3369>

Resumo

O presente artigo visa a publicação de uma nova estela da Idade do Bronze e as circunstâncias do seu achado, no concelho de Castro Verde. Esta nova estela diademada ou de toucado surge em plena região das estelas de tipo Alentejano, a par das estelas com escrita do Sudoeste, enquadrando-se então numa região com longa tradição destes marcadores de paisagem.

Palavras-chave: Estela diademada, estela feminina, Idade do Bronze, Baixo Alentejo, Castro Verde

Abstract

The purpose of this paper is to publish a new Bronze Age stela and the circumstances of its discovery in the municipality of Castro Verde. This new “diademmed” or “headdress” stela appears in the middle of Alentejan-type stela region, alongside with the Iron Age Southwest Iberia writing stela, fitting into a region with a long tradition of these landscape markers.

Key words: Diadem stela, Female stela, Bronze Age, Region of Baixo Alentejo, municipality of Castro Verde

CÓMO CITAR ESTE ARTÍCULO / HOW TO CITE THIS ARTICLE

Mataloto, R., Paniego Díaz, P. e Morais, H. (2024): “A Estela da Idade do Bronze dos Negrões – isolada na multidão”. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 50(1): 119-133. <<https://doi.org/10.15366/cupauam2024.50.1.006>>.

1. A estela dos Negrões: perspectiva geral do achamento e problemáticas inerentes

A região de Castro Verde apresenta uma longuíssima tradição de trabalhos arqueológicos, desde as menções do Bispo Frei Manuel do Cenáculo até aos notáveis trabalhos na área da mina de Neves-Corvo, para além da continuidade dos mesmos até há poucos anos pelos malogrados Manuel e Maria Maia, a quem dedicamos também este trabalho.

Em grande medida os dados existentes resultam da acção no terreno destes últimos investigadores, com inúmeros colaboradores locais, que dedicaram longos anos da sua acção a este território. Uma primeira tentativa de Carta Arqueológica de Castro Verde, datada de 1995, por Artur Martins e Manuel Maia, que cremos orientada para o primeiro Plano Director Municipal, reuniu a informação disponível até então, e serve ainda de base aos levantamentos actuais¹. Todavia, é justamente a análise dos dados referentes a estes autores que melhor nos evidenciam as discrepâncias e desequilíbrios dos dados disponíveis para o concelho, especialmente num momento em que os instrumentos locais de gestão do território se mostram essenciais na salvaguarda do Património Arqueológico. A densidade de ocupações verificada na área da Mina de Neves-Corvo – Somincor deixa, desde logo, clara a falta de um trabalho direccionado e sistemático para colmatar amplas lacunas de investigação e levantamento em boa parte do território de Castro Verde. Para além da envolvente do Couto mineiro de Neves-Corvo é, uma vez mais, nas áreas imediatas às intervenções de Manuel e Maria Maia, nomeadamente nos designados *castella*, que vimos adensarem-se as ocorrências arqueológicas reconhecidas. Todavia, a concentração e especificidade geográfica dos mesmos conduz a que extensas áreas se encontrem totalmente vazias de ocorrências, o que importava colmatar com máxima urgência.

O trabalho de prospecção, desenvolvido por dois de nós (RM e HM) e auxílio pontual de Lourenço Mataloto, realizou-se na sequência da solicitação, pela extinta Direcção Regional de Cultura do Alentejo, na pessoa de Samuel Melro, da revisão, para efeitos de despistagem, localização e caracterização de 21 ocupações arqueológicas no concelho de Castro Verde com vista à elaboração final da listagem de ocorrências arqueológicas a integrar o novo Plano Director Municipal.

Os trabalhos de prospecção desenrolaram-se com condições de visibilidade do solo em geral boas.

Os trabalhos foram realizados através da batida extensiva do terreno, com o registo individual dos achados e recolha das coordenadas através do uso de programas seguidores do movimento através do geoposicionamento do telemóvel, com uma margem de erro de 3 m que se assume inferior quando conjugada com a informação geográfica presente nas imagens do Google Earth, permitindo um elevado nível de fiabilidade. Foi utilizado o programa *LocusMap Free* e *OruxMaps* com a informação georreferenciada não apenas dos achados, mas igualmente das fotografias, permitindo uma reconstituição exacta dos movimentos das equipas de prospecção (figura 1).

Em termos metodológicos a abordagem de campo iniciou-se pela partilha das localizações a avaliar em ficheiro *.kmz aberto em *Locus* ou *Orux* de modo a termos um guia claro pelas localizações disponíveis, com informação associada à sua descrição e problemática. Todavia, em nenhuma situação nos pareceu correcta uma abordagem direccionada, mas antes uma leitura alargada à envolvente da referência arqueológica disponível, de modo a haver certeza sobre que realidade a informação se poderia estar a referir. Efectivamente, as descrições eram em geral escassas e muito lacónicas, e em locais com frequentes ocupações antigas, nem sempre se tornou fácil decidir a que sítio, em específico, se remetia a informação disponível.

¹ Ver base de dados Endovélico: <<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/>>.

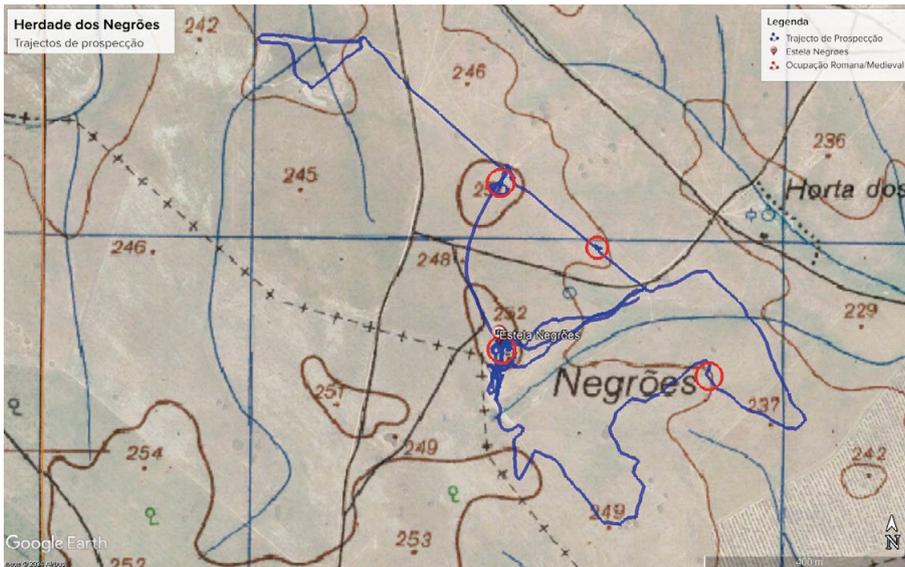


Figura 1. Herdade dos Negrões, trajectos de prospeção e ocorrências arqueológicas registadas dia 08 de Outubro de 2022

Figure 1. Herdade dos Negrões, archaeological finds and survey routes recorded on October 8, 2022

O trabalho que conduziu à identificação do monumento aqui apresentado pretendeu melhor caracterizar a informação disponível sobre a Herdade dos Negrões (CNS 385II)².

Nas Fichas Arqueológicas de Campo de 1987 existentes na Câmara Municipal de Castro Verde menciona-se a presença de «cerâmica vária» «Romano e Ferro ?» avançando-se uma localização genérica em coordenadas militares, baseada no mapa cadastral que aproxima a sua localização da Horta dos Negrões. A batida do terreno permitiu identificar, cerca de 150 m a sul das coordenadas disponibilizadas, uma ocupação de época romana/medieval, marcada pela presença de abundante pedra solta à superfície e material de construção, nomeadamente telha espessa, a par de escassa cerâmica comum. Não estamos certos que tenha sido esta ocupação a identificada em 1987, todavia é, das que reconhecemos na Herdade dos Negrões, a que mais se aproximava da localização disponibilizada, daí a associarmos ao CNS 385II. Contudo, imediatamente a norte do monte dos Negrões, documentámos

uma outra ocupação, com características semelhantes, mas que apresenta também evidências de uma presença anterior, possivelmente da Idade do Ferro ou romana republicana, tal como se apontou em 1987, sendo justamente aqui que se registou a estela que aqui apresentamos.

A estela dos Negrões foi identificada dia 8 de Outubro de 2022, num dos grandes morouços situados imediatamente a norte da ruína do Monte homónimo (figura 2). A estela encontrava-se fragmentada recentemente, com o bloco maior parcialmente visível, tendo sido possível após breve busca identificar o bloco remanescente (figura 3). Havia claros indícios recentes da movimentação e remoção mecânica de pedra, podendo verificar-se nas imagens do Google Earth que terão ocorrido em 2021. A presença de líquenes apenas no topo da peça deu a entender que a mesma estaria maioritariamente coberta pelo morouço em que se identificou, tendo sido exposta pelos últimos trabalhos. Na realidade, toda a envolvente a norte do local do achado apresenta grandes morouços de pedra que se desenvolvem tanto em altura como comprimento. Estes terão sido formados certamente há várias décadas, sendo a sua presença indiciadora de que a estela não deverá ter sido deslocada recentemente para este local. Os edifícios em ruína da horta da herdade dos

² Código Nacional de Sítio, numeração oficial de ocorrências arqueológicas no Portal do Arqueólogo/Base de Dados Endovélico.



Figura 2. Morouços adjacentes ao monte dos Negrões, onde se identificou a estela

Figure 2. Stone piles adjacent to the Monte dos Negrões, where the stela was identified



Figura 3. Estela dos Negrões no momento da sua descoberta

Figure 3. Negrões stela, soon after its discovery

Negrões foram erguidos em pedra local, sendo ainda visíveis algumas pedras de granito, nomeadamente mós circulares, reaproveitadas, o que conjugado com amplas superfícies rochosas com indícios de extração de pedra, na parte fronteira do edificado, deixa entender a escassa necessidade de obtenção de material de construção em áreas mais distantes, reforçando a possibilidade do lugar de achamento da estela se encontrar muito próximo da sua implantação original. Todavia, a presença de ocupações anteriores, de

época romana ou mesmo da Idade do Ferro, poderá ter ocasionado a deslocação do bloco insculturado, que mostra evidências de desgaste indiciando a sua reutilização, algo bem conhecido em outras estelas da Idade do Bronze. A sua localização numa zona de fronteira entre os concelhos de Castro Verde e Almodôvar poderá ser mais um indício da proximidade entre a sua localização original e a da sua identificação, conhecida que é a permanência na paisagem de marcos ancestrais de delimitação.

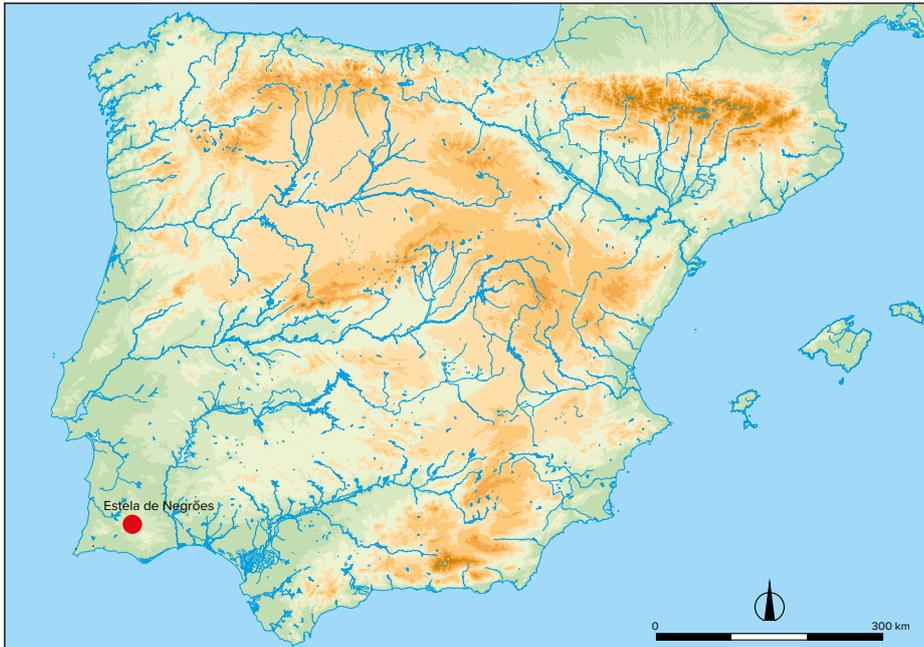


Figura 4. Localização da estela dos Negrões, na Península Ibérica

Figure 4. Location of Negrões stela in the Iberian Peninsula

2. Herdade dos Negrões, a planície dos caminhos de pedra

A estela de Negrões, como se mencionou, foi achada num grande morouço recentemente remobilizado, a cerca de 40m para norte de Negrões³, na coordenada 37.625149°/-8.123460° (WGS84), um monte localizado na extremidade sudoeste do concelho de Castro Verde, no Baixo Alentejo (figura 4).

Implanta-se sobre uma suave elevação a uma cota em torno dos 250m de altitude, entre o Barranco do Tabelaio e a Ribeira da Cachopa (figura 5), pertencendo à bacia hidrográfica do Guadiana, e muito próximo do festo dos três rios do Sul, Guadiana, Sado e Mira, que genericamente se pode localizar apenas 3 km a Poente, no sugestivo local da Cabeça da Serra. O relevo envolvente é levemente ondulado, excepto para Nascente, onde o vale da ribeira da Cachopa e a sua confluência com a ribeira de Maria Delgada provocam uma quebra na tendência

aplanada da envolvente. Todavia, os Negrões enquadram-se num ponto de viragem da paisagem que, para norte se abre no amplo pláino levemente ondulado que se estende até à serra de Portel, passando os Barros de Beja, enquanto para sul a planície dura e seca se vai estreitando e aproximando da serra. Cremos significativo que se posicione de modo equidistante à Autoestrada 2 e à Estrada Nacional 2, que se dirigem à importante portela de atravessamento da serra, em direcção à costa.

Em termos geológicos localiza-se em plena Zona Sul Portuguesa, numa região onde dominam os xistos e os grauvaques de idade Carbónica (Carta Geológica de Portugal, 1: 200 000, folha 7 e 8). A envolvente é marcada pela existência de vários morouços tradicionais resultantes de grandes despedregas mais recentes, algumas realizadas através de maquinaria pesada, o que atesta bem a natureza pedregosa dos solos, que por sinal são bastante magros (figura 6).

A estrutura do Monte de Negrões localiza-se sobre um afloramento de bancada de grauvaque, que poderá ter sido explorado na construção do próprio monte (figura 7). A menos de 1 km para norte do monte ocorrem várias litologias do complexo vulcano sedimentar como os doleritos, basaltos e as rochas félsicas (Carta Geológica de Portugal, 1: 50 000, folha 46-C).

³ O topónimo mais imediato ao local de achamento na cartografia base utilizada (CMP 1:25 mil – 556) é Negrões, pelo que foi adoptado, ao invés da utilização de Herdade dos Negrões como aconteceu anteriormente para entidades arqueológicas registadas na zona.



Figura 5. Implantação do local de achamento da estela dos Negrões na Carta Militar de Portugal 1:25000 – 556, aplicada sobre fotografia aérea do Google Earth

Figure 5. Implantation of the Negrões Stela discovery location in the Military Plan of Portugal 1:25000 – 556, applied on Google Earth aerial photography

3. A estela do Monte dos Negrões: medir, contar, descrever e comentar

A estela dos Negrões (figura 8) foi elaborada sobre um bloco de rocha local, ligeiramente afeiçoado, como a presença de áreas com alguma patina oxidada parece indicar. O suporte sobre o qual está realizada corresponde aos designados «lithic wacke»⁴ (*vid.* figura 9), tradicionalmente denominados de grauvaques, sendo de dureza média⁵, e de forma subretangular achatada, de topos arredondados, à qual desapareceu aproximadamente o terço inferior. Todo o rebordo conservado da peça terá sido boleado por picotagem, conferindo uma transição suave para o reverso, sensivelmente mais estreito que a face gravada. Este encontra-se em grande medida truncado, com a lascagem longitudinal do fragmento superior, surgindo a parte conservada aplanada, o que confere uma secção subtrapezoidal à peça. As dimensões preservadas são: 0,63 m de altura, 0,59 m de largura máxima e 0,30 m de largura mínima da face gravada

⁴ Diagrama de Pettijohn: Cuarzo = 40,3 %, feldespato = 28,4 %, litoclastos = 31,2 %.

⁵ Agradecemos as informações fornecidas por R. Ferreiro Máhlmann da TU Darmstadt.

e 0,16 m de espessura máxima. Os sulcos são gravados por picotagem, apresentando uma largura entre os 8 e 10 mm e os 3 e 5 mm de profundidade.

A estela apresenta gravado um antropomorfo com diadema ou toucado, de onde emergem os membros superiores terminando em dedos. Sob a faixa para a cabeça estão gravados os olhos, o nariz e a boca, de onde surge uma linha perpendicular que corresponde ao tronco da figura humana que acaba por se bifurcar em duas linhas que representam as pernas. Sob a boca, mas separadas dela e ligadas à faixa da cabeça, surgem três linhas curvas paralelas que representam um colar com terminais diferenciados. Finalmente, abaixo deste, dois pontos de cada lado do tronco parecem representar os seios. A técnica de gravação foi o picotado, em geral pouco profundo, como se mencionou, seguindo o que vem sendo indicado como típico das estelas com estes motivos a sul do Tejo (Díaz-Guardamino, 2010: 22), adaptando-se a decoração à morfologia arredondada do suporte pétreo. Este deve ter sofrido uma preparação alargada para a realização da gravação, com o desbaste das arestas e afeiçoamento da superfície por um picotado fino, que lhe terá removido, mesmo que parcialmente, a pátina geológica acastanhada (figura 10). Por outro lado, as áreas com um claro polimento parecem resultar de uma reutilização mais recente,



Figura 6. Paisagem com grandes morouços, de acumulação mecânica, na envolvente do Monte dos Negrões

Figure 6. Landscape with great stone piles, of mechanical accumulation, in the surroundings of Monte dos Negrões



Figura 7. Monte dos Negrões visto de Sudeste, onde são visíveis amplas bancadas de grauwaque, com vestígios de extração

Figure 7. Monte dos Negrões seen from the Southeast, where large benches of greywacke are visible, with traces of extraction

notória na erosão das gravuras, eventualmente como soleira de porta, como vários finos sulcos paralelos parecem sugerir. Por fim, parte da superfície, no lado direito da peça, demonstra evidentes traços de afecção por lavouras desde há muito, com diversas pequenas lascagens com pontos de impacto, ocorridas quando a peça se encontrava parcialmente enterrada.

Importa destacar o cuidado do artesão na representação do diadema/tocado, levando em consideração o esforço envolvido na elaboração dos raios do mesmo e a sua terminação triangular partilhada com o colar. Efectivamente, estes dois elementos,

característicos deste tipo de estelas, pertencem a um *unicum* gráfico que agrega o diadema/tocado e o colar ou, como também já se propôs, a estola/peitoral (Cardoso, 2011: 95). Assim, apesar do carácter esquemático destas representações, observa-se, cremos, um verdadeiro interesse em realçar as características fundamentais do principal elemento de prestígio da estela: o diadema ou tocado. Além disso, nota-se a vontade do gravador em realçar e diferenciar o rosto antropomórfico, o que conseguiu ao representar a boca/queixo e a linha mais longa do colar que une a faixa da cabeça.



Figura 8. Estela dos Negrões, dois contrastes de luz

Figure 8. Negrões stela, two light contrasts

A estela dos Negrões integra-se no grupo específico de estelas usualmente designadas de «diademadas» (Celestino, 2001: 42; Santos, 2010; Celestino e Salgado Carmona, 2011: 425, tipo IV.2) ou de toucado (Díaz-Guardamino, 2010: 225), designação que nos surge como bastante apropriada.

Estas estelas podem ser classificadas em diferentes tipos, com base na sua iconografia e no seu suporte (Celestino, 2001: 233-260; Díaz-Guardamino, 2010: 225; Santos, 2010; Paniego, e.p.). Foi recentemente apresentada uma síntese sobre os diversos tipos e problemáticas referentes às estelas da Idade do Bronze do Ocidente peninsular, podendo aí encontrar-se a problematização de múltiplas questões inerentes a estas representações e suportes, que não é aqui espaço para debate alargado (Araque González, 2018: 165 ss). Sem entrar em detalhes, há aqueles em que o próprio suporte atua como figura humana, as designadas «estelas-guijarro diademadas» (Celestino, 2001: 242) ou de toucado naturalistas (Díaz-Guardamino, 2010: 225) e aqueles em que o corpo humano é representado esquematicamente, tidas como as estelas diademadas do tipo IV.2 (Celestino e Salgado

Carmona, 2011: 425) ou de antropomorfo esquematizado (Díaz-Guardamino, 2010: 225). A gravação do rosto desempenha um papel fulcral na divisão destes grupos: os que representam o rosto, essencialmente os primeiros e os que o não representam, substituindo por uma representação antropomorfa esquemática, caso, por exemplo, das estelas da Capilla I (Celestino e Salgado, 2011: nº 88) ou El Viso V (Celestino e Salgado 2011: nº 89). Todavia, como se assinalará, a estela dos Negrões integra um núcleo reduzido de ocorrências onde se fusionam ambas tradições.

A estela de Negrões deve enquadrar-se nas estelas diademadas/toucadas que representam esquematicamente o rosto e também o corpo, sendo os paralelos mais directos a estela de Torrejón el Rubio II (Celestino e Salgado 2011: nº 91), Ciudad Rodrigo I, Cambrocino e Riomalo (Díaz-Guardamino, 2010: nº 179, nº 183 e nº 201, respectivamente) todas localizadas bastante mais a norte, entre a província de Cáceres e Salamanca. Efectivamente, o grande traço comum entre estas estela é, para além da ornamentação diferenciadora da cabeça e peito, a representação não apenas do rosto, como também do tronco

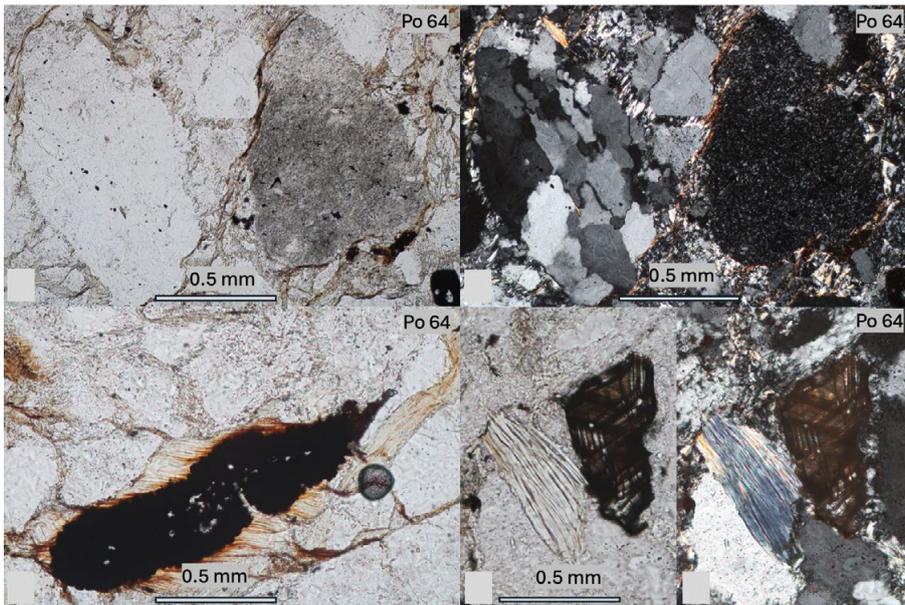


Figura 9. Microfotografias com luz polarizada plana (A, C e D) e luz polarizada cruzada (B e E). Todas as figuras mostram uma ampliação de 100x. A e B. Um clasto de quartzito metamórfico de grau médio (esquerda) e um siltito metamórfico de baixo grau rico em matéria orgânica num arenito suportado por quartzo e feldspato cimentado por um quartzo - Clorito de Ferro (em A de cor verde pálido, em B com diferentes cores de interferência) cristalização (100x). Em C uma pirita framboidal (formação bacteriana diagenética) mostra uma perda de Fe pelo crescimento de rebarbas de clorito de Fe. Em D e E uma biotita cloritizada quase completa (esquerda) com cores de interferência azuis claras (em e) portanto, um clorito de Fe-Mg. R. Ferreiro Mählmann (TU of Darmstadt, Technical and Low Grade Petrology group)

Figure 9. Castro Verde (Po 64): Microphotographs with plane polarized (A, C and D) and crossed polarized light (B and E). All figures show a 100x magnification. A and B. A metamorphic medium grade quartzite clast (left) and a metamorphic low-grade organic rich siltstone in a quartz and feldspar supported arenite cemented by a palisade quartz – Fe-chlorite in A pale green colored, in B with different interference colors) crystallization (100x). In fig. C a framboidal pyrite (diagenetic bacterial formation) shows a Fe-loss by growing Fe-chlorite burrs. In figs. D and E a nearly complete chloritized biotite (left) with pale blue interference colors (in e, thus an Fe-Mg-chlorite) is bedded with a brown cassiterite clast in the component supported lithic arenite to wacke cemented by quartz and chlorite. R. Ferreiro Mählmann (TU of Darmstadt, Technical and Low Grade Petrology group)

e membros superiores e inferiores. A representação dos seios é relativamente rara podendo ser registada, neste tipo de estelas, na de Salvatierra de Santiago 1 (província de Cáceres) (Díaz-Guardamino, 2010: nº 203), ainda que esta não incorpore a representação do tronco e pernas. No caso de La Lantejuela (província de Sevilha) (Celestino e Salgado, 2011: nº 90), existe a representação, em relevo, de dois círculos sob o colar, interpretados como seios (Oliva Alonso, 1983: 134). No caso da estela dos Negrões cremos que a representação desses atributos é de interpretação evidente, permitindo-nos reforçar a proposta de que as representações de antropomorfos com diademas/toucados sejam identificadas com figuras femininas (Celestino, 2001: 244; Díaz-Guardamino, 2010: 234). A reinterpretação

da estela com diadema/tocado de A-de-Moura (Guarda) parece vir reforçar esta atribuição de sexo, ao associar-se a gravação mais baixa da estela a uma representação vulvar ou dos grandes lábios (Santos, 2010: 49; Cardoso, 2011: 99), ainda que a mesma seja também interpretada como falo erecto (Silva, 2000: 233). Nas estelas designadas de guerreiro que apresentam diademas, em dois casos, Capilla I e Belalcázar I (Celestino e Salgado 2011: nº 86 e nº 88; Díaz-Guardamino, 2010: nº 180 e nº 177; Berrocal-Rangel, 2012: 165), a figuração de seios não merece dúvida de maior, ajudando a consolidar a atribuição femininas a estas representações.

No que diz respeito ao diadema/tocado caracteriza-se por estar sempre irradiado sobre a representação facial, sendo menos frequentes sobre



Figura 10. Desenho interpretativo da estela dos Negrões. A negro, gravação a picotado; cinzento escuro, irregularidades após gravação; cinzento claro, abrasão pós-gravação

Figure 10. Interpretive drawing of the Negrões stela. In black, perforated engraving; dark grey, irregularities after engraving; light grey, post-engraving abrasion

as figurações humanas diferenciadas, presentes nas estelas de guerreiro como as de Capilla I (Celestino e Salgado, 2011: n° 88) o El Viso V (Celestino e Salgado 2011: n° 89). Parece começar a formar-se um outro grupo que apresenta figurações faciais sobrepujadas por representações em segmento de círculo, a modo de diadema, sem os elementos irradiados, como as recentes estelas de Cañaverál de León (Rivera *et alii*, 2021) que podem ter reminiscências em exemplares mais antigos, como a estátua-menir de Nave 2 (Cruz e Santos, 2011: 141).

Foi dada a conhecer recentemente, de múltiplas formas e de modo um tanto rocambolesco e sem aproveitamento cabal das raras condições de achamento, a estela do Rebolo na região de Arronches

(Bueno *et alii*, 2021). Esta, apesar de diademada e com a representação dos braços, ao não assumir a figura antropomórfica esquematizada, parece afastar-se da que aqui apresentamos, associando-se a muitas outras de representação «naturalista», usualmente designadas de «estelas-guijarro» (Celestino, 2001).

A presença e relevância dos colares/estolas é determinante neste tipo de estelas, os quais, arrancando com frequência do diadema/toucado, como no caso dos Negrões, se desenvolvem em 2 a 5 semicírculos (Díaz-Guardamino, 2010: 241). A associação deste adereço e os seus paralelos arqueológicos foi largamente analisada por M. Guardamino (2010: 240 e ss) sem que, todavia, fosse possível chegar a conclusões evidentes sobre que peças estes procuram

representar, ficando clara a existência de entidades arqueológicas de tipo colar que se prolongam desde momentos antigos da Idade do Bronze em materiais nobres, como ouro ou mesmo âmbar, até ao final deste período onde, como bem atesta a dita autora, a sobreposição da distribuição destas estelas com colares e torques de ouro, simples ou múltiplos, é evidente (Díaz-Guardamino, 2010: 250), lembrando, L. Berrocal-Rangel (2012: 172), na esteira desta proposta, o caso das «oreanas», mulheres especialmente vocacionadas para o garimpo de ouro em épocas históricas.

Quanto à representação de diademas e colares, não podemos descartar que, como propõe Perea (1991: 125), esta constitua uma forma de substitutos dos objetos reais, cujo valor intrínseco, no momento em que as estelas foram gravadas, não potenciava ainda a ideia amortização.

A representação dos colares/estolas prende-se directamente com a cronologia associada a este tipo de estelas. Ainda que a questão continue relativamente controversa, com a existência de propostas que fazem recuar bastante as estelas «naturalistas» ou «guijarro» (Celestino, 2001: 251; Díaz-Guardamino, 2010: 261; Santos, 2009), parece genericamente aceite que as estelas com representações antropomorfas esquematizadas, com ou sem representação facial, podem ser integradas num momento avançado do II^o milénio a. C., em boa medida coincidente com a cronologia aceite por estes autores para as designadas estelas de guerreiro.

Sobre a representação das figuras femininas nas estelas há, ainda, diversas posições. Por um lado, há autores que defendem tratar-se do elemento feminino do par «cósmico primordial», enquanto as divindades masculinas são representadas pelos guerreiros (Tejera y Fernández, 2012: 66); por outro, e de forma maioritária, diversos autores sustentam que se trata da representação das elites femininas das comunidades que as ergueram (Celestino, 2001: 256; Berrocal-Rangel, 2012: 171).

A proposta de associação dos entes representados nas estelas a seres divinos ou míticos, de um panteão tartéssico (Tejera y Fernández, 2012), ainda que bastante apelativa, não é de aceitação unânime, pelo que a atribuição das personagens diademadas a uma

divindade lunar, onde o toucado radiado poderia estar relacionado com o ciclo lunar, segundo as segmentações do toucado, com 12 ou 13 ciclos lunares anuais, ou de 28, correspondendo ao número aproximado de dias do ciclo lunar (Tejera y Fernández, 2012: 63) é ainda complexa. Efectivamente, no caso da estela dos Negrões, com 18 a 20 segmentos, não é fácil de incorporar nas propostas avançadas sobre atribuições lunares, pelo que é ainda seguro considerar a representação de uma identidade feminina partilhada por amplas comunidades do sudoeste peninsular.

No que diz respeito às representações ditas femininas, existe alguma discrepância entre os diversos autores quanto ao papel das mulheres que se fizeram representar. Por exemplo, para Luis Berrocal-Rangel (2012) são uma evidência da enorme importância das mulheres nas chefaturas protohistóricas da vertente atlântica, o que explica que apareçam gravados elementos de joalheria, provavelmente, em ouro (Almagro, 1977: 200-201), na esteira também da proposta de Sebastián Celestino, que as identifica com mulheres de elevado estatuto social (Celestino, 2001: 256). Já Marisa Ruiz-Gálvez (1992), por seu lado, defende o papel destas mulheres dentro de um sistema de trocas matrimoniais entre elites, como forma de selagem de pactos entre comunidades distantes, podendo os pares ter um significado parental. A ideia de corresponderem à figuração de elementos femininos das elites locais, como a expressão de uma paridade simbólica e de poder entre homens e mulheres (Celestino, 2001: 256; Berrocal-Rangel, 2012: 174) é hoje genericamente aceite, ainda que nos surja particularmente complexo assumir que representem alguém concreto, mas antes personagens ancestrais, reais ou míticas, relevantes no passado e presente das comunidades que as ergueram.

Em outras regiões peninsulares, nomeadamente na área argárica, a relevância social e de poder das mulheres há muito que vem sendo claramente atestada (Lull *et alii*, 2021), e mais recentemente inclusivamente pela análise genética, que aponta aqui para realidades patrilocais onde a exogamia, com a troca de mulheres, parece ser atestada geneticamente (Villalba-Mouco *et alii*, 2022), como há muito propôs M. Ruiz-Gálvez (1992). No Sudoeste peninsular

a informação disponível é bastante menor, ainda tenha sofrido forte incremento. Se, por um lado, os enterramentos da Horta do Pinheiro 5 (Monge Soares *et alii*, 2021: 296) parecem apontar para a presença de indivíduos masculinos com claros indicadores de destaque social no primeiro quartel do II^o milénio a. C., por outro, já nos finais do III^o milénio a. C., no enterramento central de Bela Vista 5 se documentou um enterramento feminino claramente destacado (Valera, 2014: 41), demonstrando que a subalternidade feminina não terá sido clara ou linear no Sudoeste durante o milénio seguinte, como alguns enterramentos vão deixando entender, caso do hipogeu 9 de Torre Velha 2 (Monge Soares *et alii*, 2021: 304) ou, eventualmente, o enterramento fundacional do hipogeu 2 do Monte da Ramada já do Bronze Final (Valério *et alii*, 2018). Estes exemplos deixam clara margem para uma presença feminina certamente determinante na estruturação identitária e social dos grupos, seja ela intrínseca ou por associação, como se trata nos casos de exogamia. E a presença da estela dos Negrões vem reforçar esta possibilidade.

4. Um plaino estelado ... apontamento sobre estelas da Idade do Bronze e Idade do Ferro a sul de Beja

A tradição de erguer elementos pétreos em locais específicos, pré-determinados pelo seu sentido simbólico e força agregadora, perde-se no tempo no Sudoeste peninsular, como bem o atesta a tradição menírica do Algarve e Alentejo (Gomes, 1994; 2011; Calado, 2004) na qual, de uma forma ou de outra se deve enraizar a longa tradição estelar deste território. Se sobre tal existisse dúvida bastava lembrar não apenas a reutilização de menires para suporte de iconografia da Idade do Bronze, como acontece tanto em momentos recuados da Idade do Bronze nos casos de Passadeiras 1 e Alfarrobeira (Díaz-Guardamino, 2010: n^o 228 e 208, respectivamente.), a sul dos Negrões, como no caso de Tapada da Moita (Díaz-Guardamino, 2010: n^o 235), no Nordeste alentejano, mas também nos muitos exemplos das mais tardias estelas de guerreiro, como

São Martinho, Cancho Roano, Talavera de la Reina, entre outras (Celestino e Salgado 2011: n^o III, n^o 42 e n^o 54). Há ainda a unir estas duas tradições o interessante caso da Anta U (Montemor-o-Novo), onde o recinto menírico foi reutilizado como espaço sacro durante o Bronze Médio, apesar de não existirem evidências de nova iconografia nos menires (Mataloto, 2018).

A estela dos Negrões encontra-se, por um lado, isolada das designadas estelas «diademadas» ou «tocadas» do sudoeste peninsular, todas situadas bem mais para o interior e principalmente nordeste desta região, na transição para as planícies da Meseta norte, acompanhando um certo isolamento, também, da estela de guerreiro de Ervidel II, encontrada 40 km a norte dos Negrões. Ambas se posicionam, todavia, no epicentro da distribuição das designadas «estelas alentejanas», que caracterizam os plainos a Poente e sudoeste de Beja até aos contrafortes da Serra (figura 11). Este grupo, de marcada identidade pictórica e técnica, tem vindo a ser enquadrado principalmente num momento antigo e médio da Idade do Bronze regional, podendo em alguns casos estender-se até um pouco mais tarde (Díaz-Guardamino, 2010: 314). Deste modo, cremos que quando a estela dos Negrões se ergueu, poderá ainda ter partilhado a paisagem com algumas estelas de tipo «alentejano», como nos parece demonstrar o caso da Herdade do Pomar e as estelas Ervidel I e II (Gomes e Monteiro, 1977). Todavia, a especificidade técnica, em baixo-relevo, e iconográfica, bastante realista, das estelas «alentejanas» pouco terá contribuído para a emergência na região das novas linguagens expressas quer pelas estelas diademadas/tocadas, como a de Negrões, quer pelas estelas de guerreiro, como Ervidel II. Cremos haver um distanciamento técnico tão profundo que devemos assumir que a presença das diversas tipologias de estelas se deve reportar à introdução na região de elementos discursivos forâneos. Uma vez mais o caso da Herdade do Pomar, Ervidel, nos parece significativo pois, sobre uma paisagem fortemente simbólica, com múltiplas necrópoles de cistas e diversas estelas de tipo alentejano num raio de poucos quilómetros (Santa Vitória fica apenas 5 km a Nascente), vemos implantar-se a mais tardia necrópole de hipogeus

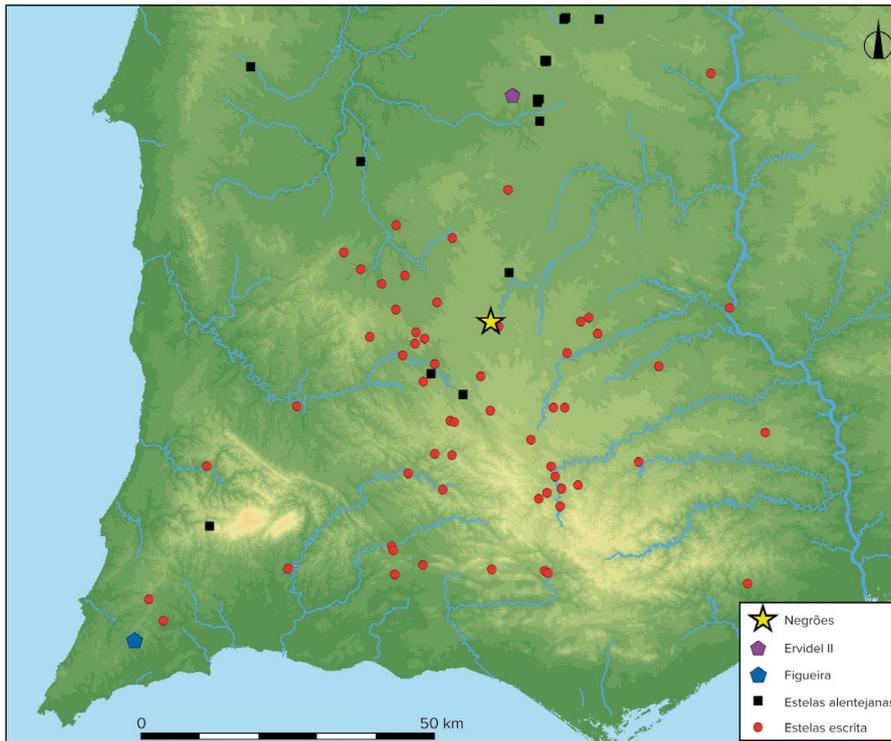


Figura 11. A estela dos Negrões no contexto da tradição estelar, da Idade do Bronze e Idade do Ferro no Baixo Alentejo e Algarve, Portugal (dispersão das estelas com grafia do sudoeste, segundo Projecto Estela, gentilmente cedida por Pedro Barros)

Figure 11. The Negrões stela in the context of stela tradition, from Bronze Age and Iron Age in the Baixo Alentejo and Algarve, Portugal (stela dispersion with southwestern script, according to Projecto Estela, kindly provided by Pedro Barros)

conhecida, no Monte da Ramada, e erguer-se a estela de Ervidel II, de nova linguagem, justamente sobre uma necrópole de cistas, reincorporando-a no discurso paisagístico (Monge Soares *et alii*, 2021).

Por fim, cremos que este transfundo estelado, como marcadores paisagísticos transgeracionais, na maioria das vezes de raiz funerária ou relacionados com paisagens ancestrais, estará na base do aparecimento, na região onde se ergueu a estela dos Negrões, da tradição das estelas funerárias com escrita do Sudoeste. Os Negrões encontram-se igualmente no centro de uma paisagem que verá emergir, em notável continuidade e intensidade, durante o início da Idade do Ferro, uma nova linguagem simbólica, agora escrita, associada a espaços funerários e a nichos paisagísticos onde a construção de necrópoles se revela essencial para organizar a nova paisagem.

A estela dos Negrões, sendo um caso por enquanto único no espaço baixo alentejano, vem incorporar-se a uma paisagem que antes e depois se construiu em torno de marcos pétreos erguidos na vertical.

Agradecimentos

Os autores gostariam de expressar o seu agradecimento ao Dr. Samuel Melro por todo o apoio concedido nos trabalhos em Castro Verde; a Pedro Barros pela cartografia actualizada das estelas com escrita do Sudoeste e aos dois revisores que contribuíram para um melhor texto final.

Bibliografia

- Almagro Gorbea, M. (1977): *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*. CSIC. Madrid.
- Araque Gonzalez, R., (2018): *Inter-cultural communications and iconography in the western Mediterranean during the late bronze Age and the early iron Age*. Leidorf. Rahden/Westf.

- Berrocal Rangel, L. (2012): “Las estelas diademadas, representaciones de jefaturas femeninas en el Bronce Final”. In L. Prados Torreira, C. López Ruiz e J. Parra Camacho (coords.): *La arqueología funeraria desde una perspectiva de género*. Universidad Autónoma de Madrid. Madrid: 157-178.
- Bueno, P.; Rocha, L. e Oliveira, J. (2021): “Estelas megalíticas no território do Tejo. A estela do Rebolo, Arronches (Portugal)”. *Scientia Antiquitatis*: 4-23.
- Calado, M. (2004): *Menires do Alentejo Central. Génesse e evolução da paisagem megalítica regional*. Universidade de Lisboa. Lisboa (Tese de Doutoramento, policopiada).
- Cardoso, J.L. (2011) “A estela antropomórfica de Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): seu enquadramento nas estelas peninsulares com diademas e «colares»”. In Vilaça (coord.): *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Actas IV Jornadas Raianas. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal/Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto/Instituto de Arqueologia do DHAA da FLUC: 89-116.
- Celestino Pérez, S. (2001): *Estelas de guerrero y estelas diademadas: la precolonización y formación del mundo tartésico*. Bellaterra. Barcelona.
- Celestino Pérez, S. e Salgado Carmona, J.Á. (2011): “Nuevas metodologías para la distribución espacial de las estelas del Oeste peninsular.” In R. Vilaça (coord.): *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Actas IV Jornadas Raianas. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal/Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto/Instituto de Arqueologia do DHAA da FLUC: 417- 448.
- Cruz, D. e Santos, A. (2011) “As estátuas-menires da serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) no contexto da ocupação pré-histórica do Alto Paiva e da Beira Alta”. In R. Vilaça (coord.): *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Actas IV Jornadas Raianas. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal/Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto/Instituto de Arqueologia do DHAA da FLUC: 117-142.
- Díaz-Guardamino Uribe, M. (2010): *Las estelas decoradas de la Prehistoria de la Península Ibérica*. Universidad Complutense de Madrid. Madrid.
- Gomes, M.V.(1994): “Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português. Trabalhos recentes e estado da questão”. *Actas do seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal” (Mangualde, Nov. 1992)*. Viseu: 317-342.
- Gomes, M.V. e Monteiro, J.P. (1977): “Las estelas decoradas do Pomar (Beja-Portugal). Estudio comparado”. *Trabajos de Prehistoria*, 34: 165-212.
- Oliva Alonso, D. (1983): “Una nueva estela antropomorfa del Bronce Final en la provincia de Sevilla”. *Homenaje al Profesor Martín Almagro Basch*. Ministerio de Cultura. Madrid: 131-139.
- Lull, V., Rihuete-Herrada, C., Risch, R., Bonora, B., Celdrán-Beltrán, E., Fregeiro, M.I., Molero, C., Moreno, A., Oliart, C., Velasco-Felipe, C., Andúgar, L., Haak, W., Villalba-Mouco, V. e Micó, R. (2021): “Emblems and spaces of power during the Argaric Bronze Age at La Almoloya, Murcia”. *Antiquity*, Volume 95, Issue 380: 329-348 <<https://doi.org/10.15184/aqy.2021.8>>.
- Mataloto, R. (2011) “Who’s U? Um santuário da Idade do Bronze no Cromlech do Arneiro dos Pinhais (Lavr/Ciborro-Montemor-o-Novo)”. *Almansor | Revista de Cultura*. Montemor-o-Novo, 3.^a série, nº 3: 5-42.
- Monge Soares, A., Baptista, L., Mataloto, R., Melo, L., Silva, A., Monge Soares, R. e Valério, P. (2021): “The Bronze Age of Southwestern Iberian Peninsula: endogenous evolution versus migration stimuli”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 24: 59-82.
- Monge Soares, A., Melo, L., Valério, P., Silva, A.M., Martins, P., Monge Soares, R., Alves, L., Araújo, M.F., Baptista, L., Casimiro, M.H., Ferreira, L. e Silva, R. (2021): “Status symbols or an insight into the earliest Middle Bronze Age in southwest Iberia: the funerary structures of Horta do Pinheiro 5 (Torrão do Alentejo, southern Portugal)”. *Trabajos de Prehistoria*, 78, n.º 2: 292-308. <<https://doi.org/10.3989/tp.2021.12277>>.

- Paniego Díaz, P. (e. p.): “New perspectives on the spatial distribution and typologies of western Iberian stelae”. In R. Araque Gonzalez, R., S. Celestino Pérez e R. Vilaça (eds.): *The Iberian stelae of the Final Bronze Age: iconography, technology and the transfer of knowledge between the Atlantic and the Mediterranean*. CSIC. Madrid.
- Perea Caveda, A. (1991): *Orfebrería prerromana. Arqueología del oro*. Caja de Madrid e Comunidad de Madrid. Madrid.
- Rivera Jiménez, T., García Sanjuán, L., Díaz-Guardamino, M., Donaire Romero, T., Morales González, J.A., Lozano Rodríguez, J.A., Rogerio Candelera, M.Á., Bermejo Meléndez, J. e Aguilera Collado, E. (2021): “The Cañaverl de León stela (Huelva, Spain). A monumental sculpture in a landscape of settlements and pathways”. *Journal of Archaeological Science: Reports*, 40: 103521.
- Ruiz-Gálvez Priego, M. (1992): “La novia vendida: orfebrería, herencia y agricultura en la protohistoria de la península ibérica”. *SPAL*, 1: 219-251.
- Santos, M.J. (2010): “Estelas diademadas. Problemas cronológicos y criterios de clasificación. A propósito del hallazgo de A-da-Moura (Santana da Azinha, Guarda, Portugal)”. *Madrider Mitteilungen*, 51: 42-60.
- Tejera Gaspar, A. e Fernández Rodríguez, J. (2012): *Los dioses de los tartesios*. Bellaterra. Barcelona.
- Valera, A. (2014): “O conjunto de materiais votivos do contexto funerário do recinto 1 de Bela Vista 5 (Mombeja, Beja)”. In A. Valera (coord.): *Bela Vista 5 – Um recinto do final do 3º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*. Era Monográfica, 2: 41-45.
- Valério, P., Araújo, M.F., Monge Soares, A., Silva, R., Baptista, L. e Mataloto, R. (2018): “Early imports in the Late Bronze Age of south-western Iberia: the bronze ornaments of the hypogea at Monte da Ramada 1 (southern Portugal)”. *Archaeometry*, Volume 60, nº 2: 255-268. <<https://doi.org/10.1111/arcm.12310>>.
- Villalba-Mouco, V., Oliart, C., Rihuete-Herrada, C., Rohrlach, A., Fregeiro, M.I., Childebayeva, A., Ringbauer, H., Olalde, I., Celdrán Beltrán, E., Puello-Mora, C., Valério, M., Krause, J., Lull, V., Micó, R., Risch, R. e Haak, W. (2022): “Kinship practices in the early state El Argar society from Bronze Age Iberia”. *Scientific Reports*, 12: 22415. <<https://doi.org/10.1038/s41598-022-25975-9>>.

Referências Cartográficas

- Carta Militar de Portugal. 1:25 000 Folha 556 (Santa Bárbara de Padrões).
- Carta Geológica de Portugal. 1:50 000. Folha 46-C – Almodôvar. 1995.

